

Uso de Plantas Medicinais na Cicatrização de feridas: o contexto de duas comunidades rurais do Sul do RS

Nathalia Da Silva Dias¹; Crislaine Alves Barcellos de Lima²;
Manuelle Arias Piriz²; Márcia Ribeiro²; Rita Maria Heck³

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 –silvacardosonathalia@gmail.com1*

²*Universidade Federal de Pelotas –crislainebarcellos@hotmail.com2*

²*Universidade Federal de Pelotas –manuelle.piriz@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas-marciaribiero@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – rmheckpillon@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

As plantas medicinais são elementos que constituem parte da biodiversidade e são largamente utilizadas desde os primórdios da civilização por vários povos e de diversas maneiras (FIRMO et al., 2011). Sendo estas um dos mais antigos recursos terapêuticos adotados pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, a utilização de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (MORAES; SANTANA, 2001).

No processo de cicatrização de feridas sua utilização não se difere, elas são mencionadas desde a pré-história, quando eram utilizadas plantas e extratos vegetais na forma de cataplasmas, com o intuito de estancar hemorragias e favorecer a cicatrização, sendo muitas dessas plantas ingeridas, para atuação em via sistêmica (SILVA; MOCELIN, 2007).

Por considerar a importância da utilização de plantas no cuidado à saúde pela população, o Ministério da Saúde (MS) com o intuito de fortalecer estudos com plantas medicinais nativas prioritárias e disponibilizar estas informações, divulgou em 2009, a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS). São 71 espécies vegetais com vistas ao desenvolvimento de produtos/medicamentos fitoterápicos para o SUS colocando estes à disposição da sociedade nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) para o tratamento de determinada doença (BRASIL, 2009).

Portanto a enfermagem na sua prática tem o papel importante de fazer buscas que confirmem os benefícios das plantas medicinais citadas pelo saber popular, para ter subsídios assim ajudando na realização de novas pesquisas, até mesmo sobre as diferentes formas terapêuticas que as plantas medicinais se apresentam, contribuindo para uma assistência integral e entendendo o contexto cultural no qual o indivíduo e a família estão inseridos (CEOLIN, et al. 2011).

Diante deste contexto o presente trabalho tem por objetivo conhecer as plantas medicinais utilizadas para o processo de cicatrização de feridas na zona rural do município de Cerrito RS, relacionando o saber popular com o conhecimento científico.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado no município de Cerrito/RS, nas comunidades de Alto Alegre e Lixiguana. Este município conta com cerca de 6.402 habitantes, cuja principal atividade econômica é a agricultura.

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo (MINAYO, 2010), vinculado ao projeto de pesquisa “Autoatenção e Uso de Plantas Medicinais no Bioma Pampa: perspectivas do cuidado de enfermagem rural”, realizado pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em parceria com Embrapa Clima Temperado e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

A coleta dos dados ocorreu nos domicílios dos sujeitos no período de dezembro de 2015. Os instrumentos para a realização da coleta foram à entrevista semiestruturada gravada, genograma e ecomapa da família.

Com relação às plantas medicinais realizou-se o registro fotográfico no ambiente de ocorrência natural ou cultivo, georreferenciamento por meio de GPS de navegação e resgate do conhecimento com o nome popular, uso, indicação, cuidados no preparo e dose, além da coleta dos ramos em fase reprodutiva, os quais foram utilizados para preparação de exsicatas, para identificação botânica.

Neste trabalho deu-se ênfase à utilização das plantas medicinais citadas para auxiliar na cicatrização de feridas, indicadas por dois informantes moradores deste município, estes escolhidos por serem referencia no conhecimento de plantas medicinais nesta comunidade rural.

Todos os princípios éticos e legais foram respeitados, de acordo com a resolução 466/2012 do conselho nacional de saúde (BRASIL, 2012). Os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa pelo 076/2012.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no levantamento etnobotânico os informantes citaram sete plantas referenciadas para o processo de cicatrização de feridas. Das sete plantas citadas pelos informantes, apenas três tiveram comprovação na literatura científica.

Nome popular	Nome científico
babosa	<i>Aloe arborescens</i>
beldroega	<i>Portulaca oleracea</i>
cavalinha	<i>Equisetum sp.</i>
erva lanceta	<i>Eclipta prostrata</i>
eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i>
erva-de-bicho	<i>Polygonum hydropiperoides</i>
palminha	<i>Tanacetum vulgare</i>

Figura 1. Quadro de plantas medicinais indicadas pelos informantes que auxiliam na cicatrização de feridas no município de Cerrito, RS, 2015.

Após análise científica houve a comprovação de que a babosa (*Aloe arborescens*) possui ação cicatrizante, antibacteriana, antifúngica e antivirótica. O gel mucilaginoso da planta é composto de um polissacarídeo de natureza complexa (aloereron) que tem uma atividade fortemente cicatrizante (LORENZI, 2008).

Porém é importante ressaltar que seu uso interno não é recomendado, pois possui compostos antraquinônicos que possuem alta toxicidade quando ingeridos em altas doses. Sendo assim, chás xaropes e entre outros podem causar uma grave crise de nefrite aguda quando tomados em doses mais altas do que o recomendado,

assim provocando principalmente em crianças muita retenção de água no corpo o que pode ser prejudicial à saúde (MORAIS, 2005).

Assim, é importante que o profissional de enfermagem esteja capacitado para dar orientações, pois muitas vezes os usuários não sabem os malefícios que ela pode causar quando seu preparo não for de maneira correta.

Em relação à beldroega, Lorenzi & Mattos (2008 p.443) relatam que a infusão das folhas e ramos da *Portulaca oleracea* é tônica e depurativa do sangue enquanto que em uso externo aplicadas sobre as feridas favorecem a cicatrização.

A cavalinha (*Equisetum sp.*) não teve sua indicação comprovada através da revisão literária que afirmasse seu benefício para auxiliar na cicatrização de feridas, apenas indicação segundo a literatura popular. No entanto estudos comprovam sua eficácia como diurético, tratando edemas causados por retenção de líquido. (SANTOS, 2003). O mesmo ocorre com a palminha (*Tanacetum vulgare*) que não tem sua indicação comprovada cientificamente, pois atualmente o seu emprego é mais popular.

Através de um estudo realizado no laboratório de microbiologia evidenciou-se que ainda são necessários novos estudos para comprovar a eficácia do eucalipto (*Eucalyptus globulus*) na cicatrização de feridas, no entanto já foi comprovado que o óleo essencial extraído da planta possui atividade antimicrobiana contra cepas de diferentes micro-organismos sendo uma alternativa viável como agente germicida (MOTA, 2015).

A erva-de-bicho (*Polygonum hydropiperoides*) teve seu efeito comprovado através da literatura científica, pois é recomendado o seu uso externo, aplicando o seu chá contra afecções da pele como feridas, além disto, é indicada na forma de banho de assento contra hemorroidas e como cataplasma nos casos de reumatismo e dores musculares. (PANIZZA, 1998).

Com relação à segurança e eficácia da erva-lanceta (*Eclipta prostrata*) é comprovado cientificamente sua ação anti-inflamatória, proteção hepática e neutralizadora do veneno de cobra, portanto ainda não há estudos que comprovem sua utilidade na cicatrização de feridas (MATOS, 2000).

Diante deste contexto pode-se verificar que quatro plantas citadas pelos informantes para a cicatrização de feridas não tiveram comprovação com a literatura científica, o que não significa necessariamente que as mesmas não possuam tal efeito, pois talvez não tiveram estudos científicos investigando esta ação.

4. CONCLUSÕES

Através desta pesquisa foi possível perceber o quanto o saber popular é importante na construção do conhecimento, mas este deve estar associado ao científico.

As plantas citadas pelos informantes possibilita a criação de novos estudos e pesquisas voltadas ao tema, tornando-se relevante para ampliar o conhecimento dos profissionais da área da saúde, para assim incentivar o uso das plantas medicinais com efeito comprovado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BRASIL. Ministério da saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/12.** Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF), 2012.

BRASIL. Ministério da saúde. **Plantas de Interesse ao SUS.** Portal da saúde. Brasília (DF), 2009.

CEOLIN, T. et al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v.45, n.1, p.47-54, 2011.

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: verdades e mentiras** – O que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber. São Paulo: UNESP, 2007.

FIRMO, W. et al. Contexto histórico, uso popular e concepção Científica sobre plantas medicinais. **Cad. Pesq.**, v. 18, n.5, p.90-95, 2011.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A.de. **Plantas medicinais no Brasil:** nativas e exóticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais- guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil.** Fortaleza: Imprensa universitária/Edições UFC, 2000, p.344.

MYNAIO, M. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Coleção Temas. Sociais. Petrópolis RJ, 2010.

MORAIS, S. M. et al. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. **Rev. bras. farmacogn.**, João Pessoa, v.15, n. 2, p. 2005.

MORAES, M.E.A.; SANTANA, G.S.M. Aroeira-do-sertão: um candidato promissor para o tratamento de úlceras gástricas. **Funcap**, v. 3, n.5, p.5-6, 2001.

MOTA V. et al. Atividade antimicrobiana do óleo de *Eucalyptus globulus*, xilitol e papaína: estudo piloto. **Rev Esc Enferm USP**, v.49, n.2, p.216-220, 2015.

PANIZZA, S. **Plantas que curam (cheiro do mato).** São Paulo: IBRASA, 1998 280 p.

SANTOS, M. C. BRUSCATTO, M. H.; HECK, R. M. **Reflexões Fitoterápicas Sobre a Cavalinha (Equisetum Sp. L.) com Base na Antroposofia - .**

SILVA, M.I. et al. A utilização da *Pfaffia glomerata* no processo de cicatrização de feridas da pele. **Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, v.23, n.4, p.228-233, 2007.